



## **“Deixai-vos transformar” ... por um estilo de vida paulino**

*Mente, vontade, coração e corpo para um empenho sinodal*

(Pe. Antonio F. da Silva, SSP)

O décimo primeiro Capítulo geral e o itinerário que vai propor à Congregação devem inspirar-se na exortação paulina “Deixai-vos transformar renovando o vosso modo de pensar” (Rm 12,2). Tema que o *Documento Preparatório* convida a aprofundar “no contexto do capítulo 12 da carta de Paulo aos Romanos e também relacioná-lo ao pensamento do nosso Fundador, especificamente quando fala da importância do uso positivo da mente ou modo de pensar”.

Em referência a esse tema na *Carta aos Romanos* foi apresentado o estudo “*Transfigurem-se pela renovação da mente*”, do Pe. Paulo Bazaglia, e publicado na seção “*Em diálogo*”, do nosso Site.

Quanto ao pensamento do Bem-aventurado Tiago Alberione foi lembrado um trecho dos ensinamentos às PDDM, de 1963: “Da mente vem tudo. Se alguém faz uma boa obra é porque a pensou e depois a quis e enfim a fez. Portanto, o primeiro ponto a se olhar é sempre a mente. E se há algum pecado ou alguma imperfeição, algum defeito, por primeiro está na mente. Oh, santificar a mente, isto é, segundo a verdade. Usar bem a mente, a inteligência”<sup>1</sup>.

No contexto da Carta aos Romanos, Pe. Paulo Bazaglia escreve: “A renovação da mente é a superação constante dos esquemas de um mundo injusto, esquemas que integram mais esquemas em tantos níveis, pessoais, comunitários e sociais; superação que se dá por uma espiritualidade compromissada pelo “encorpamento”, ou seja, que implique as relações concretas dos corpos e das mentes”.

O Documento Preparatório, por sua vez, afirma que o Editor paulino, “homem de comunicação” “*procura integrar o apostolado com a oração, com estudo (entendido como “estudiosidade”), com a vida comunitária, etc.; e que se esforça para ser um verdadeiro construtor de uma cultura do encontro. A pessoa toda por um apostolado mais fecundo: mente, vontade, coração. Todo o resto depende dessa vida integral e integrada!*”.

---

<sup>1</sup> G. ALBERIONE, *Santificare la mente, la volontà, il cuore*, in *Alle Pie Discepolo del Divin Maestro*, 1963, p. 369. Cfr. *Vademecum*, 274.

Todas essas afirmações levam facilmente aos ensinamentos do Pe. Alberione sobre a personalidade do paulino: “O homem todo em Jesus Cristo, para um total amor a Deus: inteligência, vontade, coração, forças físicas. Tudo: natureza, graça, vocação, para o apostolado” (AD 100).

O Documento Preparatório afirma que “*Sente-se uma falta de testemunho e um baixo enraizamento na espiritualidade paulina*” e pergunta “*Como podem ser recuperadas as raízes espirituais da nossa vida paulina e do nosso apostolado?*”

Essa constatação e conseguinte pergunta sobre nossas raízes espirituais levaram-me a revisitar os documentos que por primeiro consideraram de modo orgânico e apresentaram à Igreja a nossa espiritualidade. Refiro-me especialmente aos livros do Cônego Francisco Chiesa. E primeiro entre eles está o livro *Jesus Cristo Rei*, destinado a prolongar os frutos do Jubileu de 1925, oferecendo um comentário à Encíclica *Quas primas*, com a qual Pio XI encerrou aquele Ano Santo<sup>2</sup>.

Em 326 páginas, o Venerável Francisco Chiesa teceu uma articulada apresentação da realeza de Cristo, passando pelo seu fundamento bíblico, neotestamentário e litúrgico; também pelo seu território, símbolos, formas, constituição e extensão.

A respeito de “*recuperar as raízes espirituais da nossa vida paulina*” encontramos nesse livro válida ajuda, como num pequeno tratado de 56 páginas, em cinco capítulos, que apresentam uma visão antropológico-espiritual certamente cultivada em comum pelo Cônego Chiesa e pelo Padre Alberione: “O reino de Jesus Cristo em nós”, “O reino de Deus na mente”, “Extensão do reino de Jesus C. na vontade”, “O reino de Jesus Cristo nos Corações” e “O reino de Jesus Cristo em nosso corpo”.

Em linguagem discursiva muito linear o F. Chiesa aprofunda, em cerca de dez páginas, as várias passagens do caminho para o advento do reino de Jesus Cristo em nós e, ao final, assim as resume: “Portanto Jesus reinará dentro de nós quando em nós todas as faculdades se estabelecem na respectiva ordem. Sentidos e membros, fantasia e coração sob a vontade, a vontade sob a razão e esta sob a vontade ou beneplácito de Deus (p. 243).

Francesco Chiesa dedica a seguir uma dezena de páginas ao reino de Deus na mente: “A educação deve começar pela instrução. Nada pode ser querido ou julgado sem ser conhecido antes. *Nil volitum quin praecognitum*, diz o provérbio. Assim sendo o reino de Cristo deve começar pela mente. Antes de ser vida cristã, deve ser ideia cristã. Sem ideia, a vida faltaria de fundamento” (p. 247). Mas a ideia ou a verdade cristã encontra seu fundamento no ensinamento de Jesus Cristo, Rei da mente, “plenitude da sabedoria e ciência divina”, a ser acolhida por meio da fé e vivida à luz do Antigo e Novo Testamento e da Tradição cristã: “É necessário que a nossa fé seja constante, em todas as *idades*: na juventude como na adolescência; na idade madura como na velhice; em todos os *lugares*, com todo gênero de *peessoas* e em meio a todo tipo de oposições” (p. 253).

O capítulo ou leitura sucessiva é sobre a extensão do Reino de Jesus Cristo na vontade, considerada como “a rainha das faculdades humanas”, que “é como a cidade capital, o centro do Reino. Quem chega nele toma em mãos as rédeas do governo. É o piloto que está no timão do barco, o chauffeur que está no volante do automóvel” (p. 235). O itinerário seguido nas operações da vontade é assim descrito: “a ação da vontade é

---

<sup>2</sup> F. CHIESA, *Gesù Cristo Re*, Pia Società S. Paolo, Alba, 1926, pp. 326.

precedida pelo exercício da inteligência” em vista de fixar um fim, que se chama *intenção*. Passa-se à busca dos meios e entra-se no período da *deliberação*. Entre os meios considerados, a vontade escolhe um: chega-se a, assim chamada, *eleição* da vontade, para concluir no *propósito* ou *resolução*. Chegado a esse ponto, a vontade pode se reforçar diante dos próprios semelhantes, mediante a *promessa*, ou, diante de Deus, mediante o *voto* (p. 258).

Os pontos desse itinerário são postos em relação com a vontade de Deus para que seu Reino se estabeleça na vontade humana: “A vontade de Deus se manifesta em três modos principais: nos mandamentos, nos exemplos e nos acontecimentos. O primeiro e o segundo são chamados de vontade de *sinal*, o terceiro, vontade de *beneplácito* (p. 259). A submissão à vontade de Deus deve ser *universal* quanto aos preceitos; *forte* na execução e *pura* na intenção.

Consideramos até aqui o reino de Deus na mente e na vontade. Passamos agora a considerar o Reino de Jesus Cristo nos corações.

Sobre o reino de Cristo nos corações, o Cônego Chiesa parte desta afirmação: “A vontade é a rainha das faculdades humanas, mas é uma rainha, infelizmente, muito perturbada e molestada no exercício de sua autoridade. Podem perturbá-la a ignorância, os preconceitos, os erros do intelecto. [...] Mas há um inimigo que supera todos, que tem consigo uma infinidade de companheiros, conseguindo assim, muitas vezes, a tirar do seu trono a rainha e a empregar para seu talento todo o governo do homem. Esse grande perigo vem do coração” (p. 266).

Considerado psicologicamente o coração é o centro da *vida afetiva* e nele podem-se distinguir vários planos ou níveis, a partir do mais profundo, constituído pelas *tendências*; acima delas as *inclinações*; e sobre estas as *paixões*, que ocupam a parte central e principal do coração, sobre a qual “flutua de forma diversificada e mutável a multidão dos *sentimentos* e dos *afetos*” (pp. 267-268)

A seguir são apresentados os ensinamentos de São Francisco de Sales, no *Teótimo*, sobre as doze *paixões*: seis paixões do apetite *concupiscível* (amor, ódio, desejo e aversão, tristeza e deleite) e seis do apetite *irascível* (esperança e desespero, audácia e temor, ira e satisfação).

Essas doze paixões “são como doze generais, que militam sob o generalíssimo, que é o amor; e cada um deles tem sob si um exército de capitães e soldados. Por ex., os sete vícios capitais que são sete capitães do general *Amor*” (p. 268). Acontece, porém, que “Cada paixão quer prevalecer sobre as outras, e quando consegue e se torna *paixão predominante*, então começa a tyrannizar não somente as outras, mas até mesmo a vontade, e não há excesso no qual o homem não possa se precipitar” (p. 269).

E como estabelecer no coração o Reino de Jesus? O Cônego Chiesa responde: “A vontade é a rainha de direito; mas o coração é o seu favorito. Dominando o coração, domina-se o homem”. Trata-se de um “*domínio de indústria*”, ou seja, dado que o exército das paixões está sob o comando do generalíssimo que é o amor, “se em um coração domina o amor divino, podemos dizer-lhe sem temor: faz aquilo que quiser. Temos certeza que não agirá senão bem” (p. 271).

O livro *Jesus Cristo Rei* passa a considerar, a seguir, a afirmação da Encíclica *Quas primas* segundo a qual “É necessário que Jesus Cristo reino no corpo e nos membros que devem servir como instrumentos à interior santidade das almas” (pp. 278-279).

A partir da afirmação segundo a qual “Todo conhecimento começa do sentido, e toda expressão termina no corpo e nos membros”, F. Chiesa trata sobre os dois membros, as mãos e os pés, e, depois, dos sentidos: os olhos, ouvidos, língua, boca, olfato e o paladar e sobre tudo aquilo que envolve o corpo e seus membros. Pois “Como o Reino de Deus abraça a mente, o coração, a vontade, de igual modo se estenderá também às dependências da vontade que são os membros” (p. 282), inclusive quanto devem sofrer a *flagelação* e a *coroação* de espinhos, como Jesus (p. 285).

O Cônego Chiesa pode finalmente concluir todo o itinerário proposto, afirmando: “Eis a genuína realização das palavras famosas: *Vivo autem iam non ego, vivit vero in me Christus* (Gal II,20). E vivo já não eu, mas vive em mim Cristo. E o que é tudo isso? É o Reino de Jesus Cristo que, começado na mente e passado para a vontade, desceu no coração para passar a se irradiar com o corpo e nos membros. É a completa realização do Reino de Jesus em nós!” (p. 286)

\*\*\*

Celebrou-se há pouco o Centenário do *Pacto* ou *Segredo de êxito*, período no qual terá certamente ressoado milhares de vezes nos nossos corações e em nossas orações comunitárias aquele “*Quaero primum regnum Dei et iustitiam ejus*”, que constitui a fórmula da *Letra de Câmbio*, núcleo original do *Pacto* e fundamento da espiritualidade e do apostolado paulino.

Atualmente encontramos-nos no caminho de preparação para o Capítulo geral, que envolve a inteira Congregação numa tarefa sinodal de transformação da mente ou do modo de pensar para enfrentar especialmente os cinco desafios que nos premem.

Enquanto percorria o livro *Jesus Cristo Rei*, motivado pela grave afirmação que “*Sente-se uma falta de testemunho e um baixo enraizamento na espiritualidade paulina*”, acompanhou-me sempre a lembrança de um texto no qual Padre Alberione, para um caminho muito positivo de conversão, indica três penitências, para que Jesus Cristo reine em nós, na mente, na vontade, no coração e no corpo, e podem conduzir-nos, num empenho sinodal, a recuperar “*as raízes espirituais da nossa vida paulina e do nosso apostolado*”. Eis o texto:

### “TRÊS PENITÊNCIAS

Estão incluídas nas nossas Constituições.

A *primeira* é comum a todos os religiosos: a vida comum vivida com amor, constância e alegria.

A *segunda* é dominante: o desenvolvimento da personalidade, de modo a progredir cada vez mais, desenvolvendo os dons e as atitudes: da natureza e da graça. Sempre maior inteligência nas coisas do serviço de Deus e do apostolado. Sempre mais hábeis e industriais no próprio trabalho. Sempre mais fervorosos nas práticas de piedade e na observância religiosa.

A *terceira* consiste em aplicar, utilizar e fazer convergir tudo para a glória de Deus, para o apostolado, para entesourar para o paraíso. Sempre para a frente, progredir

sempre, preparar-se para aquela vida celeste que nos espera. Ter o santo tormento de quem aspira mais alto; de quem se lança para a frente; de quem procura e usa sempre novos meios. Pessoas que caminham; pessoas que, em cada dia, realizam algo mais para o espírito e na ação; que sentem que estão a viver utilmente os próprios dias.

As nossas penitências não são para debilitar, para esgotar, para enfraquecer a saúde, as atitudes, as energias da mente, do coração, do corpo... Elas, ao invés, são um estudo contínuo para desenvolvê-las e tudo utilizar para Deus, para as almas, para a santificação”<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> G. ALBERIONE, *Tre penitente*, in *San Paolo*, Aprile 1949, p. 2, c. 2; PRIMO MAESTRO, in *Regina degli Apostoli*, aprile 1949, p. 2.